

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Director: ANTONIO COBEIRA — Editor e Proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA — Administrador: RODRIGO A. DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 50 n.º	Semest. 25 n.º	Trim. 9 n.º	N.º entreg.	
Portugal (franco de porte) m. forte	2\$800	1\$500	5150	520	38.º Anno—XXXVIII Volume—N.º 1302 28 de Fevereiro de 1915
Possessões ultramarinas (idem)	1\$800	7\$000	5	5	
Estrangeiro e India	2\$000	2\$500	5	5	

Redacção — Administração — Atelier de gravura
 Lisboa, L. do Paço Novo, entrada pela T. do Convento, Jesus, 2
 Composto e impresso na Typ. Cesar Pilotto
 Largo de S. Roque, 11 e 12
 Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos a administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos.

Situação-Politica



DEPOIS DA MANIFESTAÇÃO DE SIMPATIA AO SR. PRESIDENTE DO MINISTERIO
 A officialidade do exercito e da armada saindo do ministerio do interior



ANTES DA MANIFESTAÇÃO DE SIMPATIA AO SR. PRESIDENTE DO MINISTERIO
 A officialidade do exercito e da armada estacionando sob as arcadas do Terreiro do Paço

Dia 27 deste mês, os officiaes de terra e mar organisaram um cortejo imponente que se dirigiu ao ministerio do interior afim de apresentar ao chefe do governo, sr. Pimenta de Castro, os seus mais amistosos cumprimentos e significar-lhe todo o respeito, toda a simpatia, todo o apoio, que S. Ex.ª soubera merecer-lhes. Essa manifestação assumiu uma alta significação politica. O sr. Presidente do Ministerio agradeceu essa prova de solidariedade. Ao dispersar do cortejo deram-se alguns pequenos disturbios que foram facilmente sanados pela policia.

CRONICA OCCIDENTAL

Coimbra acaba de render homenagem a memoria saudosissima de Antonio Nobre. Uma teoria de moços professos, liados em redor do mesmo altar, evocaram a figura palida e esguia do Poeta e ergueram a Ele as mãos, fumegantes de febre e crispadas num fervor mystico, em acção de graça e orações de fé.

Ness'hora, aos olhos dos iniciados, a paisagem de Coimbra sentiu-se fluidificada toda em halos de ternura: os choupos magrinhos, macerados de ascese, em alas, alheios de si, assumiriam atitudes humildes de prece: e o rio havia de ter suavidades de azeite religioso a derivar em deliquio de visões e aniedades meigas de incender-se todo em renuncia na ara do poente.

Animava a natureza—a presença espiritual do Poeta. Num viatico de esperanças, a sua Alma viera té ali a sagrar as coisas e impôr aos homens a benção do seu amor—e os homens e as coisas ajoelharam no mysterio da mesma adoração.

A natureza, que enamorara Anto, vive a eternidade. Uma flôr não morrerá—se um Poeta lhe aspirou o perfume. Por isso, ness'hora, Coimbra povoou-se de visões que o nome encantado de Anto fizera resurgir. E todas, e todas formaram em cortejo a saudar a memoria de Antonio Nobre.

As coisas, que os olhos, enormes e tristes, do Poeta, tinham dantes iluminado, curvaram-se agora ante a sua divina aparição osculando-lhe de leve humildemente a sombra—dizendo em ritmos de reza ladainhas de recordações...

Bemditos os moços—que pretenderam neste momento interpretar a voz intima das coisas.

Festa muito facil... Comemoração muito modesta...

E' certo.

Do que nos dizem, infere-se que a festa resume-se em linhas—alvorada, missa na Sé Velha, recepção á Família do Poeta, sarau de Arte, cortejo e desceramento duma lápide na Torre de Anto, sessão na Camara Municipal, orfeon de Condeixa.

Cerimonia sem aparato—todavia, impressiona, talvez, a orientação ingenuamente ambiciosa que tomou e imaginamos a alma do Poeta, transfigurada, a fiar a multidude, num sorriso dulcissimo de magoa. Meu Deus—a homenagem que rapazes bem intencionados lhe consagram, quase se perderia na confusão duma festa, sem dispendio, de mundanismo, gaudio de funçanata e pretexto de exhibição.

Não lhe faltou um sarau de Arte—nem sequer uma sessão na Camara Municipal...

E parece nos que sómente por motivos estranhos á boa vontade dos promotores da festa—não houve bôdo aos pobres.

Todavia, a fé redime e era evidente na fisionomia dos mancebos a boa fé e unção sacrificadas ás cerimonias quase religiosas da comemoração.

A verdadeira missa votada á memoria de Antonio Nobre seria a meditação fervorosa e dolorosa do mysterio da sua Vida. E a Biblia seria esse livro inspi-

rado muito longe dos homens, no deserto —A Obra do Poeta

Certamente, essa consagração estava realisada nas almas dos poetas e artistas que ora renderam preitos de homenagem á memoria de Antonio Nobre.

Meu querido Anto!

Acabo de folhear agora toda a tua Obra religiosamente—e ainda meus olhos se perdem em extase na visão da tua figura esguia e palida de Principe-Santo. Na minha Torre de Silencio, que eu alpendurei das estrelas, officiei á tua Alma. Levei aos labios a hostia consagrada e o calix de amargura—e sinto nas minhas veias a discorrer em éstos o calor divino do teu sangue. Li a Missa da tua Vida, debrucei-me sobre a tua Alma—a tua escuridão iluminou-me e pôs derredor da minha fronte macerada auréolas de astros;—a tua magua dulcissima deu-me a alegria da minha tristeza infinita.

Meu querido Anto! Meu querido Santo!

A tua vida de martirio e renuncia—é um exemplo, que nos reconforta, nesta canceira vaga de desiludidos. Pomos sobre o coração esse Missal dum Torturado, aprendemos nele a deletrear as primeiras palavras de magia, e sobre ele impomos as mãos para invocar em graça e maravilha a paisagem de tristeza e feiticaria que é a paisagem de Portugal. Não sei se a doença que lenta e lenta corroe o teu corpo magrinho de monge, alastrou em laivos na noss'alma desenganada do mundo: somente podemos e queremos reconhecer que a tua Obra soube aproximar-nos de Deus.

A tua Vida é uma Lenda de Mysterio—exalta-nos de mysticismo e justifica-nos pela fé.

A tua Obra é um Novo-Testamento de poetas: ilustra em versiculos a tua Vida.

E se é toda uma Sexta-feira de Paixão—nós vivemos-a dentro da noss'alma e mais e mais e mais nos soubemos erguer a Ti, envoltos de gloria, no dia da tua aleluia eterna.

ANTONIO COBEIRA



«Da Grande Guerra»

No «Palais de Glace»

Carta á Condessinha de XXX

Parece-me vê-la agora, Condessinha, um rosário de pérolas na mão, sentada á cabeceira do Franz...

O salão-hospital do seu *hôtel* principesco deita para o *Bois*. Todo de branco e oiro, com os reposteiros de seda côr do céu, tem o ar formoso duma capelinha. O peór é que o *Bois*, nestes dias asperos de inverno, é o mais triste lugar do mundo, que ainda vi. Nem o chilrear da passarada, nem o docél de folhagem, nem o sol claro e luminoso,

nem uma tira de horizonte ameno... Tudo se foi. Até o jovial *flirt* com o seu cortejo de risadinhas frouxas, de murmurios, de cantigas, pelas tardes alegres da *pesage*...

Sem os abraços bucólicos das heras, e o tapete aveludado dos mûsgos, o *Bois* tem um desoladôr aspecto de abandono, como uma floresta de galhos secos, moribundos... A immensa nostalgia, que se desprende langorosamente das ruínas, ha de infiltrar-se, como um perigoso narcótico, pelas cortinas de seda côr do céu. E então verá, Condessinha, como os dias são mais longos, mais pesados, mais sombrios...

Depois, tambem, faz tanto frio lá fora...

Tanto frio! Lembra-se, Condessinha? ...O *Palais de Glace* era um deslumbramento.

Uma orchestra de «tziganos», dessas trigueiras e requeimadas figuras que ninguem sabe donde vêm, da Bohemia ou de Sevilha, uma orchestra de «tziganos» tocava com um brio *étourdissant* valsas lentas de Strauss.

Partimos. A luz morna e suave caia sobre o piso, polvilhando-o de oiro fôsko, de laranja, de azul tenue. Era lindo! Todo o Paris valsava, o Paris ligeiro e frivolo dos *flirts*, na *pesage*...

O seu perfil, Condessinha, perturbadôr e sensual, fizera cravar em nos muito olhar ciumento. Como uma deliciosa moldura para o seu rôsto fino de medalha trazia a coifa de malva, prêsa na garganta por um fitilho de velúdo negro, onde um brilhante raro scintillava.

Dê quando em quando a sua voz dormente vinha roçar-me o ouvido, numa expressão dorida de queixume: *Faz tanto frio!*...

E logo a mão enluvada, aristocratica, breve, aconchegava mansamente ao colônu o manto real de zebelina branca—esse fôfo agasalho, que consumira a paciencia das costureiras, anno e meio, *chez Drecoll*.

Ao nosso lado, uma a uma, iam cahindo as pétalas da rosa, que a Condessinha prendêra na cintura.

Sobre o piso de oiro fôsko, de laranja, de azul tenue, perfis de mulhéres claras e homens vestidos de escuro, enlaçados, perpassavam...

A música de Vienna entorpecia, como uma pesada embriaguêz de môsto velho...

Era o *clou* das valsas. Em magestosa *allure* a Condessinha partira, lado a lado com o Franz.

Fiquei-me embevecido a olhá-los... No *Palais de Glace* ninguem vira correr um mais sobêrbo par.

... Quem diria então, Condessinha, que o Franz estaria agora prisioneiro e ferido no seu *hôtel* em frente do *Bois*. Hoje o cavalheirêscio inimigo encontrou sorridente o mesmo olhar do *Palais*...

...E eu julgo vê-la, Condessinha, meiga e doce como uma bôa Irmã, desfiando pérolas, que são contas de rosário, num segrêdo leve de orações, á cabeceira do Franz...

Paris, janeiro de 1915.

BERTRAN DE MONTROSE.

MUSEU DE MUNICH



MASCARADA

Quadro em homenagem aos grandes mestres da Renascença,
onde o pintor Huberte está disfarçado em audior

Outono Agonizante

(Inedito)

Meu amor, olha o outono agonizante,
Numa luz tão doirada e espiritual,
Como beija os cascaes de Portugal,
Num sorriso de sol aureolante!

*Sobre as almas c'roadas de Ideal
O outono inflora um halo rutilante!
É a hora triste e bela, perfumante,
Por sobre a Natureza divinal*

*Escuta, meu amor, o ritmo d'áve,
Que o sol doente, languido, suave,
Alastra pelo ceu em côr e olor...*

*Eu desejava assim morrer cantando,
Ir, como o outono em alma iluminando
Ao entrar na grande morte, a vida e a dôr*

Visou, 1914.

MARIO PACHECO.



(Desenho de José Cyrne)

ANTONIO NOBRE, o poeta do «Só» e «Despedidas»

*Quero mostrar-te Coimbra — Has-de gostar — Partamos
Dá-me o teu braço e vem d'ahí comigo, vamos.*

Acabo de volver, num desalento amargurado, a ultima pagina do *Só*. E' o Livro de Horas, o livro intimo dum poeta, para quem a alegria teve a duração ligeira d'um meteoro. E' bem o livro de morte.



ANTONIO NOBRE
(Desenho de José Cyrne)

Cada verso nos recorda o tumulo: velhinhos e creanças que morrem, suavemente, como adormecêram... dobres de finados... esquifes brancos... flôres de saudade esfolhadas... cemiterios ermos... o luar que vem de noite, carinhosamente, visitar os *pobres esquecidos*...

Para Antonio Nobre a vida é um eterno aborrecimento, um continuado *spleen*.

Chegou talvez a acreditar no Amôr. E por alguns instantes chamou por elle, com toda a força da sua alma doente. E' um apêlo desesperado, uma oração resada com fervor, um riso de creança á flôr dos lábios... Tenta-o a vida cheia de sol, de prazêr, de romance, de estúrdia...

O' virgens que passaes, ao sol poente,
Pelas estral-as ermas a cantar!
Eu quero ouvir uma canção ardente
Que me transportê ao meu perdido lar...

Cantae! Cantae as limpidas cantigas!
Das ruinas do meu lar desaterraê
Todas aquellas illusões antigas

Que eu vi Morrêr num sonho como um ai...
O' suaves e frêscas raparigas,
Adormecêi-me nessa voz... cantae!

Mas esta alegria é passageira. Uma voz interior, que não engana, traz-lhe deante dos olhos, sempre vivo, o espe-

taculo misterioso da morte. De vez em quando tenta revivêr; mas atraçoam-no as forças e cahe vencido e mais desalentado do que nunca.

Quero vivêr, eu sinto-o, mas não posso:
Fôra melhor dormir, eternamente!

Perdidas todas as illusões de rapaz, que ele afagara n'um dôce arroubamento, deixa-se embalar pela recordação da meninice, tão cheia de encantos e descuidosos brinquêdos. Açena lhe como a um ente querido, que se vae sorrindo, para sempre, ao longe...

Ah! podêsse eu voltar á minha infancia!
Lar adorado, em fumos, a distancia,
Ao pé de minha irmã, vendo-a bordar...

Minha velha aia! conta-me essa historia
Que principiava, tenho-a na memoria.
«Era uma vez...»

Ah! deixem-me chorar!

A saudade da infancia, como fonte de vida, é a ultima tentativa do Poeta. Sente-se agora exausto.

Muito alto, inatingivel, o Amôr... tal-

tuberculose ia-o roendo, tal como um verme rõe um cadaver...

Vamos! Depressa! Vem, faze-me a cama,
Que eu tenho somno, quero-me deitar!
O' velha Morte, minha outra ama!
Para eu dormir, vem dar-me de mamar...

Nos ultimos dias de fevereiro, uns rapazes de Coimbra festejaram Antonio Nobre. Uma festa sem aparato, nem luminarias, nem sobrecasacas de ministros...

Alvorada, missa na Sé Velha, Recepção á familia do Poeta, sarau de arte, cortejo e descerramento duma lapide na Torre de Anto, sessão na Camara Municipal, despedidas...

Eis tudo! Corre o inverno e não faltou a lama dos caminhos nem a chuva impertinente.

Podia ser peor, dizem-me do lado. Peor? E' certo.

Valeu-nos o grácil talento das filhas de Rey Colaço, o orpheon de Condeixa, e alguns açafates de flores nos carros do



TORRE DE ANTO (Desenho de José Cyrne)

vez... abandonara-o; a Infancia, a idolatrada Infancia, emmurhecêra, perdido o arôma, como uma flor ephemera, as raparigas passavam além a cantar, em ranchos de namoradas...

O *spleen* exgotava-o. E dentro de si a

cortejo... São as três notas mais vivas da piedosa comemoração. Pena é que se não realisassem mais tarde, por exemplo em Maio, que é o mês das rosas e dos poetas...

M. AMARAL SEMBLANO



SÉ VELHA DE COIMBRA

Folhas soltas

Antonio Nobre

Ao illustre escriptor e amigo Antonio Cabral.

A iniciativa da redacção da revista de Coimbra «A Galera», em ter promovido umas festas em homenagem á memoria do notavel poeta Antonio Nobre, decerto foi bem recebida em todo o nosso paiz,

O seu livro «Só» é uma obra que nós lemos e releamos; de cada vez que a nossa vista cae sobre algumas das suas paginas, sentimos que a alma se nos evola a regiões banhadas em luz etherea. O infeliz poeta, atravez das rimas do «Só», pintou factos da vida com um colorido ideal, semi-vago, espiritualizando-se de momento a momento, desabrochando em a nossa alma uma chuva de imagens bellas, tão suggestivas como impressivas.

pois o infeliz escriptor marcou uma época e o seu livro «Só» é uma obra que jámais desapparecerá da boa litteratura portugueza.

As festas de Coimbra, que segundo relatam os jornaes, decorreram com brilhantismo, são factos que além de marcarem nitidamente o amor patrio dos iniciadores, são sobretudo um claro exemplo de gratidão a uma grande alma de poeta, que tangeu a sua lyra atravez de um ardente amor por tudo que a Vida lhes oferecia.

N'estas minhas palavras, escriptas nos limites de um simples artigo, não poderei, nem de longe, traçar toda a vida angustiosa e doentia de Antonio Nobre. Todos a conhecem, e não houve, decerto, nenhum portuguez que ao saber da sua morte não sentisse o seu coração partir-se de saudade por um tal poeta, que atravez dos seus versos sentiu tão dolentemente a raça portugueza!

«Só» é um breviario poetico que todos devemos meditar; possui a grandeza de um «adagio» de Beethoven, ao mesmo tempo que tem o lyrismo d'um trecho de Grieg. Para se poder ser o auctor d'este livro torna-se necessario haver dentro da alma duas poderosas forças: Talento e Dôr! Ambas unidas formam a gamma que produz a Obra Prima! Esta resultante torna se immortal atravez do tempo e as gerações veem umas apoz outras, para a admirarem.

O que nos dizem essas sublimes paginas do «Só», onde nos aparecem os versos da *Purinha*, *Os Sinos*, *O somno de João*, *Os cavalleiros*, *Saudade*, e tantas outras? Oh! como a nossa alma se purifica a lê-las!

Na sua obra *Despedidas* (1895-1899) vemos o poeta apaixonar-se da morte, que brevemente o roubaria. São versos escriptos atravez das lagrimas, da melancolia, da tristeza:

«Não vale a pena um grande poeta ser,
Não vale a pena ser rei nem soldado
E venha a Morte, quando Deus quizer!»

É uma especie de testamento poetico que Antonio Nobre legou ás gerações futuras. Quando lemos a *Ladainha da Suissa*, aparece perante nós um cantinho d'aquelle paiz, com a singeleza de uma aguarella! O poeta era um perfeito colorista; cada verso, cada rima, tem a harmoniosa cadencia dos raios do luar quando em noites calmas veem beijar as superficies ondulantes das aguas.

Antonio Nobre, no mundo mysterioso das almas, saberá quanto em vida o seu nome é evocado. Não disse elle:

«Saudade,
Irmão, não a terei tambem, lá pela cova!»

Ainda bem, que n'este momento em que a sociedade portugueza atravessa uma especie de pasmo, de receio e desalento, vemos que ha alguém que pensa n'aquelles que pelo talento deixaram um nome, escripto em letras imorredoiras, que jámais se apagarão. O poeta Antonio Nobre ficou gravado para sempre nos corações de nós todos, que sabemos sentir!

ALFREDO PINTO (SACAVEM).

CONFLAGRAÇÃO EUROPEIA

PELO MUNDO FÓRA

O bloqueio da Inglaterra por parte da Allemanha é um verdadeiro grito de desespero e de raiva que mostra bem a situação critica das subsistencias no grande imperio teutonico, apesar do constante contrabando feito pela Italia e por outras nações tanto em generos como em material de guerra.

O bloqueio abruptamente declarado pelo governo de Berlin provocou energicos protestos de neutros e especialmente do governo de Washington. A imprensa allemã, alludindo ao caso, diz... Mesmo concedendo um grande valor ás nossas boas relações com Washington, a nota do nosso governo expõe francamente a nossa maneira de vêr e não faz nenhuma concessão.

«A Gran Bretanha quiz cerrar-nos o mar, e sem occupar-se da questão de contrabando, impediu que venham a Allemanha todos os navios que pôde capturar.

«Os Estados-Unidos, tolerando o trafico das armas, derogaram o espirito senão a letra da neutralidade.

«Não desejamos fazer a guerra aos navios neutraes, mas o que se exponha ao perigo, perecerá. Se os Estados-Unidos conseguirem obrigar a Gran Bretanha a renunciar ás suas praticas illícitas, então, mas sómente então, podemos revogar as nossas medidas de replica.

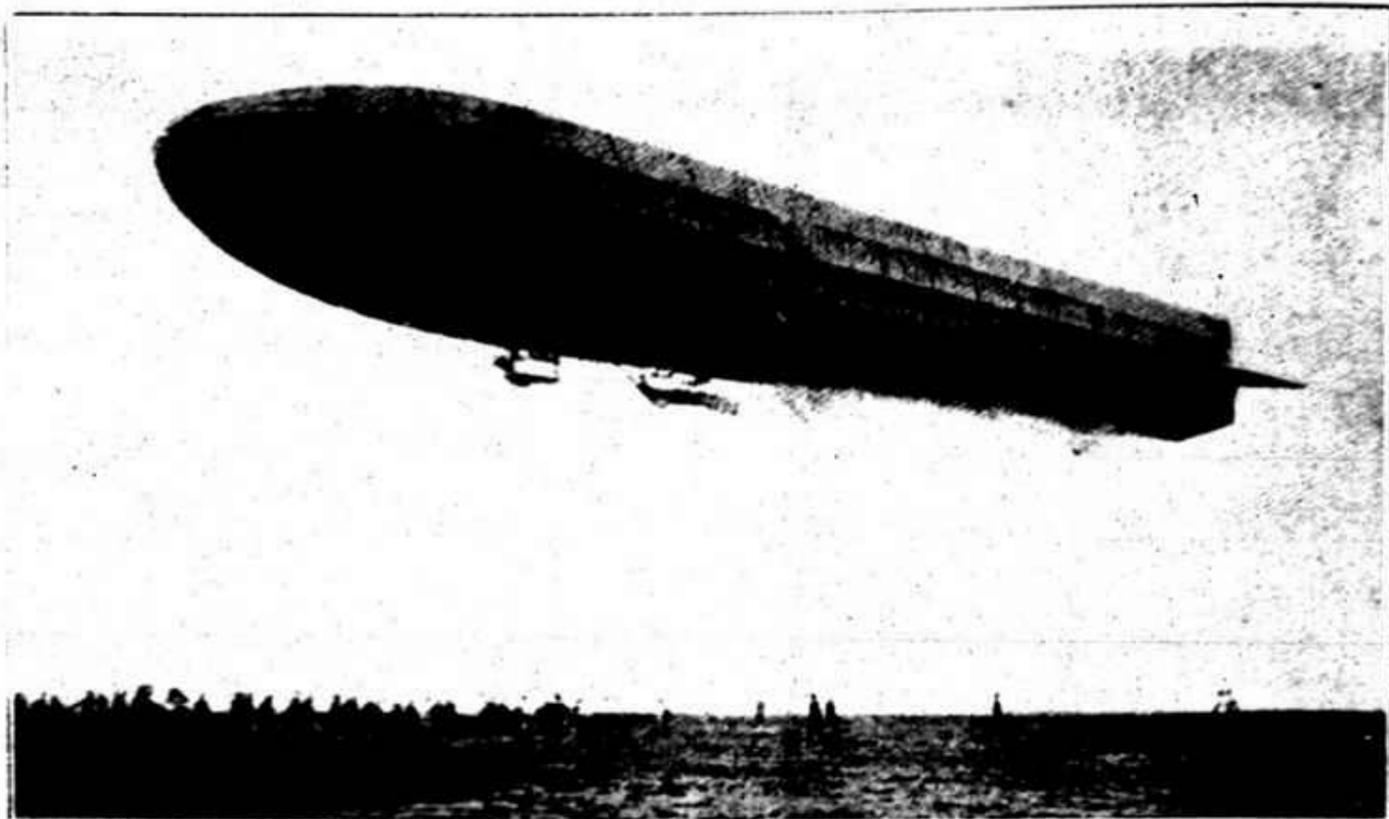
«A Allemanha combate pela sua existencia, e a ninguem pôde surpreender em Inglaterra se a guerra é conduzida com uma impassibilidade inflexivel, de modo que nos leve á victoria.

«O que faz a Allemanha não mais que pôr em pratica o direito de represalia reconhecida a todos os povos em todas as epochas.

«Pouco importa pois que o governo britannico se esforce em qualificar como violação de direito das gentes ou como piratarias do alto mar os processos de guerra annunciados pela Allemanha.

«Os nossos marinheiros não ignoram — diz o *Frankfurter Zeitung* — os perigos inherentes ao genero de combate a que vão dedicar-se sabem e sabemos todos, que a lucta dirigida contra a parte mais vulneravel, do nosso adversario occasionará rudes sacrificios; mas nós temos tambem a certeza do triumpho.»

Na Hollanda e nos paizes escandinavos é manifesto o apoio á attitudo da Allemanha, devendo registrar-se, como dignas de ponderação, as considerações



DIREITO MARÍTIMO DEVALE-SE AGORA?

de torna holandês *Hannestad* — A Inglaterra, que corta a Alemanha toda a exportação de víveres e de outros artigos necessários à indústria, tentando com isto deixar morrer a fome a povo alemão e paralisar a sua indústria, pode ainda importar livremente o que necessita para a sua subsistência e para a sua indústria.

Os submarinos alemães, que atacam agora no Oceano Atlântico os navios mercantes ingleses, metendo-os a pique, porque não podem levá-los ao seu porto e entregá-los a um tribunal de presas, depois de haver dado tempo a que a tripulação abandone o navio, procuram fazer ao comércio marítimo inglês todo o mal possível.

«Ainda não se determinou até que ponto constitui isto uma violação sys-

temática e consciente do Direito Internacional, como diz o ministro da marinha da Gran Bretanha. Effectivamente assim seria se a tripulação do barco apressado não se desse o tempo necessário para salvar a sua vida, como comunicam do Havre. Tal proceder nunca seria sufficientemente censurado. O Direito Marítimo diz sobre a confiscação de navios inimigos que podem ser levados a um porto, ou mettidos a pique. A destruição deve ser levada a effecto somente quando isso é irremissivelmente necessário; por exemplo quando é grande a distancia ao porto aonde o navio deve ser conduzido.»

O jornal sueco *Nar Daglig Allehand* expressa-se nestes termos:

«Não é a declaração alemã, mas o decreto inglês de 3 de Novembro, rela-

tivo ao mar do Norte, o que deu a guerra marítima uma direcção contraria a todo o direito das gentes.

«A Inglaterra baseia-se nos seus interesses vitaes; mas d'esta maneira não lhe sera possível motivar os seus esforços encaminhados a fazer morrer de fome a população civil da Alemanha. Se alguém pode allegar interesses vitaes é precisamente a Alemanha, que trata de defender-se d'um aggressor que procurava afogar a sua população civil. Foi a Inglaterra que introduziu este novo modo de duello a dois, atropelando ao mesmo tempo os interesses dos neutraes.»

A proposito do bloqueio recordouse agora em Londres um discurso feito pelo chanceller alemão, conde Caprivi, no Reichstag, em 4 de Março de 1904.

Nesse discurso, acerca da protecção internacional a propriedade particular no mar, Caprivi mostrou-se contrario a proposta e aventou a possibilidade de, numa futura guerra naval, o commercio poder ser violentamente atacado. Disse que um paiz pode estar dependente do seu commercio pela sua alimentação e pelos productos naturaes, e pode, portanto, ser absolutamente necessario destruir o seu commercio. Da mesma maneira porque a introdução de provisões em Paris para uso de não combatentes foi prohibida durante o cerco, assim uma nação se justificaria se impedisse a importação de todos os alimentos e productos naturaes por um paiz inimigo.»

O ministro da marinha inglesa, sr. Winston Churchill, num discurso recente disse: — O combate das ilhas Falkland terminou a primeira phase da guerra



ARROLA — FORTIN D. LOS FALKLANDS (CHILE)



Angola — CUANJAMAS E CUAMATAS

ra marítima. Praticamente desembarçou da esquadra alemã os oceanos do mundo. Os únicos navios alemães que restam ao largo são dois pequenos cruzadores e dois auxiliares, que se escondem.

Desde que o Parlamento fechou, mais de 8.000 navios ingleses vão e vem continuamente. Actualmente acham-se 4.465 chegados aos portos do Reino Unido; partiram 3.600.

Apenas 19 navios foram a pique por minas, e somente quatro por navios de guerra, ao passo que as perdas totaes da esquadra alemã se elevam a 63 navios.

As nossas perdas em marinheiros foram elevadas: 5.500; mas as do inimigo foram maiores. Aprisionámos além d'isso 82 officiaes e 934 marinheiros, ao passo que nenhum marinheiro inglês foi capturado pelos alemães.»

Os alemães tem ou não meios de efetivar o bloqueio de Inglaterra por meio de submarinos? Eis o problema. O que é certo é que na Alemanha se trabalha com afincio na construção d'essas armas de guerra e que desde o dia 18 desapareceram no fundo do mar, entre outros, o *Bebridge*, e o *Bjorke*, noruegueses, o *Evelyn*, e o *Carib*, americanos, havendo algumas perdas inglesas, principalmente um transporte com muitas tropas. Dos alemães, consta ter sido afundado um submarino.

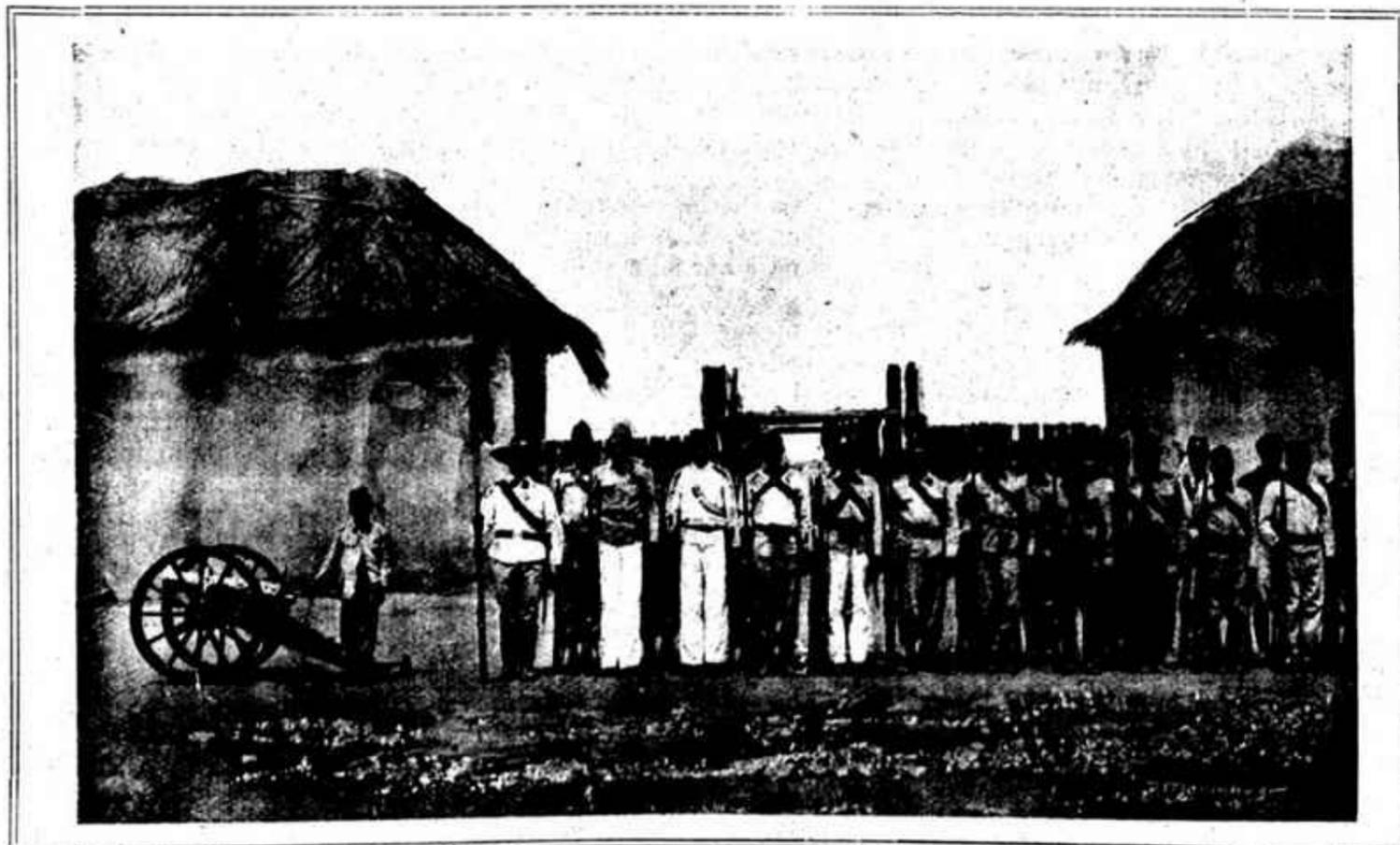
A imprensa allemã refere se a um ataque efetuado contra o cruzador *Gazelle*, no Baltico, por submarinos ingleses, cujos officiaes declararam que haviam conseguido passar pelo *Grande Belt*. Os jornaes suecos e dinamarqueses afirmam que é impossivel a passagem tanto pe o Grande Belt, como pelo estreito de Oeré, que separa a Suecia da Dinamarca cujas passagens estão de tal forma dificultadas e reduzidas, que não é possivel iludir a vigilancia das duas nações neutras. Não se sabe pois como os quatro submarinos conseguiram entrar no Baltico.

O torpedeiro francez *Dague* foi ao fundo no porto de *Antivari*, com 38 homens, por ter batido n'uma mina austriaca.

N'aquela porto entraram dois contra-torpedeiros austriacos que fizeram grandes destroços nas provisões destinadas á esquadra franceza. Houve tambem bombardeamento de navios italianos embora as relações entre os dois respectivos paizes continuem a ser amigaveis.

A Italia está sendo fortemente agitada no sentido de entrar na guerra ao lado dos aliados. Os comicios multiplicam-se por toda a parte; as Universidades de Roma e de Napoles estão fechadas por causa da agitação dos estudantes; na Camara o governo Salandra é increpado por não declarar a guerra á Austria, mas uma grande maioria é favoravel ao *statu quo*.

A este respeito cita-se o artigo do conde de *Andrassy*, publicado no *Neue*



Angola — NO CUNENE — DESTACAMENTO INDIGENA NO FORTIM D. LUIZ FILIPE

Freix Presse de Vienna, que diz que a intervenção militar da Italia a favor dos alliados, longe de ser um passeio militar, seria, na melhor das hypotheses, uma dura e longa guerra, em que a Italia encontraria deante de si a Alemanha e a Austria, tão unidas como hoje estão contra os seus outros inimigos. A posição strategica da Austria contra a Italia é fortissima e seria preciso todo o esforço militar e financeiro da Italia, para, n'uma possível guerra, manter um papel correspondente áquele que d'ela haveria a esperar.

A actual Italia, diz isto; não suportaria uma guerra dura e longa sem uma funesta repercussão sobre o regimen vigente.

Além d'isso, esta guerra divide-se nas margens do Rheno, do Marne e do Vistula, e não nas do Isonsa. No caso dos aliados, serem vencidos, a Italia seria esmagada e mesmo victorias decisivas da Italia não lhe poderiam trazer vantagens.

Se os nacionalistas exigem que as regiões da lingua italiana regressem a Italia, devem exigir que *Nizza*, *Corsega*, e *Malta* voltem com o *Trento* a fazer parte do seu paiz.

A *Rumania* tambem por enquanto se não decidiu a entrar no conflito, embora se afirme que a sua resolução definitiva não irá além d'Abri!l, mês em que os russos contam apresentar mais milhão e meio de combatentes!

Os alliados a oeste tem obtido vantagens, parece no entanto que os allemães se esforçam para avançar para *Calais* e *Dunkerque*,

Na Prussia Oriental é que os allemães obtiveram grandes victorias sobre os russos. Na grande batalha dos lagos *Masurios* os allemães tomaram aos russos 64.000 prisioneiros, 70 canhões, mais de 100 metralhadoras, 150 carros de munições e tres hospitaes de campanha.

Os turcos foram completamente derrotados no *Canal de Suez*, retirando sobre Damasco, para lhe não serem cortadas as communicacões.

Os inglezes concentram grandes forças em Gibraltar, onde fazem activos exercicios, exercendo constante vigilancia sobre o estreito.

A esquadra dos alliados bombardeia activamente os fortes dos *Dardanelos*, estando já muito damnificados os fortes turcos *Ezthogovil*, *Ledelbahar* e *Orsanae*. Aquelle fôra quasi aniquilado, vendo-se as chammas da ilha de *Tenedos*. Um couraçado aliado penetrou no estreito, bonbardeando os portos e retirando-se a salvo.

As ultimas noticias garantem que uma expedição militar russa está prompta a desembarcar em *Midia*, porto da Turquia europea sobre o Mar Negro. O objectivo será a tomada de *Constantinopla*, o que é considerado urgente, pois resolverá a situação dos Estados *Balkanicos* ainda neutraes.

Nos ultimos combates falleceram o general francês *Louis Losrean*, o deputado *Chevillon*, o distincto economista *Pierre Leroy-Beaulien*, filho do grande sabio *Paul L. Beaulien*, de universal reputação scientifica. Seu filho herdara-lhe a decidida vocação pelos estudos economicos, de que deixou numerosos trabalhos.

A Inglaterra perdeu o general *John Gough*, que se distinguiu em *Mons*.

Na região de *Craonne* morreu o sr.

Henri Lepierre, filho do illustre professor do Instituto Superior Technico, sr. *Charles Lepierre*, chimico muito distincto que ha muitos anos tem estado ao serviço do nosso pais, produzindo trabalhos de alto valor scientifico. Seu filho nasceu em *Coimbra*, onde fez os seus primeiros estudos, que foi completar em *Lille*, como engenheiro electricista.

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA



SOL ARDENTE

(Excerto de um romance a entrar no prelo)

.....
Em casa de lavrador remediado é conhecido de todos que não se está muito tempo que não venha alguma visita, e a casa de Thomé de Aquilar era um mimo para isso.

Assim quando Thomé embebido nos ultimos telegrammas de França ia acompanhando os factos em cima d'um mapa recortado d'um velho jornal, abria a cancella da horta o padre Castro encaminhando-se resolutamente como pessoa intima de casa.

— Ora boas tardes sr. Thomé, disse o padre Castro, limpando o suor com um enorme lenço vermelho.

— Seja sempre bem vindo n'esta casa; ha tres dias que por cá não apparecia.

— As minhas dôres, sr. Thomé, que me tolhem.

— As aguas das Caldas não estão longe.

— Já estou muito velho para procurar as curas das doenças.

Effectivamente já contava sessenta e cinco annos. Era um d'esses typos caracteristicos que dimanam uma pureza de sentimentos bem raros nos tempos correntes. De rosto magro e de perfil romano tinha um aspecto distincto. O cabello branco, como espuma do mar, tornava-o quasi uma figura de miniatura antiga. O seu caracter era a perfeita victoria em todos os actos da sua vida, o coração era o continuo espelho da carida e christã. Quantas vezes deixava de jantar para distribuir a sua refeição pelos pobres! A' sua bondade aliava uma instrucção que sabia cultivar constantemente, pois a maior parte das horas do dia eram passadas em leituras de livros de teologia e de sciencias sociaes. Mas a modestia que lhe nascera na alma fel-o sempre viver afastado dos grandes centros, não aceitando nunca o menor beneficio que tantas vezes lhe offereciam. Aquella aldeia a sua capelinha de *Sallir das Mattas* eram para elle toda a sua existencia! Com o pensamento em Deus, distribuia todo o bem que podia pela terra.

— Tem estado hoje um dia de verdadeira calma; eu logo disse quando de manhã fui dizer a minha missa. O sol mal dispoitava, mas o ar já indicava que o resto do dia estaria quente.

— Pois eu para aqui me quedei, a ler estes malditos jornaes que nos impingem toda a especie de mentiras.

— Faça como eu, não os leia. Para que servem essas leituras? Envenenam as almas.

— Agora o assumpto é a guerra.

— Que Deus illumine esses mandões que arrastam milhares de victimas, desgraçados rapazes na flôr da vida a morrerem como tórdos!

— Até padres andam de espingardas ao hombro, e Thomé para dar mais força as suas palavras mostrou uma gravura do jornal.

— D'isso não gosto, o padre tem n'esta vida a missão elevada de espalhar a doutrina de Christo, que é todo amor e perdão. Podiam revelar o seu amor patrio, consolando os feridos, e assistindo aos que morrem pelos campos; isto de andar a matar o proximo é pouco digno da sua sagrada missão, e dizendo estas phrases ia batendo em cima da mesa já com enthusiasmo.

— Sabe que o meu Carlos chega por estes dias...

— Que me diz?! então já terminou os exames?

— Terminou o curso; não ha rasão de queixa, o meu rapaz fez boa figura. Hoje de manhã recebeu a Maria do Ceu uma carta.

N'este momento entrava na sala Maria do Ceu, com uma travessa de arroz doce.

— Já lhe fallo sr. padre Castro, desculpe sim?

— Sempre dôna de casa!

Maria do Ceu depois de colocar sobre o aparador a travessa e cobri-la com uma rêde, aproximou-se do padre Castro dizendo-lhe:

— Chamou-me dôna de casa, é a minha obrigação, unica filha... e dizendo isto riu, mostrando os seus belos dentes emoldurados por uns labios vermelhos, côr de romã.

— Mostra a carta de Carlos.

Maria do Ceu tirando a carta do bolso do avental, entregou-a ao padre Castro.

— Não trouxe os oculos...

Então Maria do Ceu pegando na carta com o cuidado como se fosse uma reliquia, começou a ler:

Thomé de Aquilar encostou-se para traz na cadeira e o padre Castro com as mãos sobre o ventre, fazia girar os dois polegares em uma continua rotaçào.

A carta dizia assim:

Minha querida irmã

«Quem tal diria quando vim para aqui, que d'ahi a oito annos te daria parte de acabar o meu curso com distincção?!

Pois é verdade. Realisou-se o meu constante sonho e tu sabes melhor que ninguém. Olha, diz logo a todos. D'aqui a dias parto para ahi, é sómente o tempo de tirar as certidões. Vou ver e gosar mui tranquillamente a nossa aldeia, a minha querida terra. Sobre o meu futuro, os meus projectos te contarei depois, comprehendes-me tão bem! Arranja bem o meu quarto, vê lá, confio no teu bom gosto. Dá saudades ao pae e ao nosso irmão e tu recebe um grande beijo».

De teu irmão amigo

Carlos.

— Está contente Maria do Ceu? disse o padre Castro, risonho.

— Ah! muito, muito!

— A carreira do rapaz, disse Thomé, é em parte devida à Maria. Como sabe, nunca foi do meu agrado que o rapaz ti-

vesse ido para Lisboa. E hoje ainda estou na minha, não foi procurar na arte a sua felicidade... estar a gente a criar um filho...

— O' meu pae, disse Maria do Ceu, que viu renovarem as ideias antigas, não vale a pena estar a fallar outra vez na mesma coisa, Carlos sente-se feliz e quanto basta.

— Elle julga que o dinheiro cahe do ceu.

— Sr. Thomé, disse o padre Castro, assoando-se previamente como fosse proferir uma sentença sagrada, o seu filho seguiu uma carreira bonita, e que talvez, tenho mesmo a certeza, hade alcançar um nome illustre. Demais o Carlos é rapaz intelligente, trabalhador, e não devemos esquecer que Deus ajuda sempre os que trabalham.

— Aquella mania que elle tinha desde pequeno, disse Thomé, cortando as palavras do padre Castro.

— Já quando iamós ás Caldas, e ouvia a filarmónica de lá, Carlos ficava como doido, disse Maria do Ceu.

— E' sempre assim que principiam os verdadeiros temperamentos musicas. As biographias dos mestres contam-nos casos engraçados.

— Mas, sr. padre Castro, gostamos de ler essas cousas dos filhos dos outros, mas quando nos toca pela nossa parte é sempre o demonio! disse Thomé já com aspecto pouco agradável.

— Tranquillise-se, verá como o seu filho ainda pode ter um nome conhecido na arte.

— Para que serve a arte?! Tírar dinheiro á gente; agora tenho que comprar um piano, e começa logo o rapaz, com certeza, todo o dia a tocar, a massar os nossos ouvidos...

— O pae não diga isso... a musica uma arte tão bonita!

— Eu só gosto da musica na igreja, o sr. padre Castro, recorda-se d'aquellas festas da Senhora do Carmo aqui ha uns pares de annos?

— Se me lembro! Creia Sr. Thomé, que sinto saudades d'aquelles tempos! Ainda o Thomé namorava a senhora que foi depois sua mulher. Eu queria que vestisse a capa, mas fugia sempre para ir fallar com ella; um conversador na igreja, de primeira ordem!

— Era eu então um rapaz...

— Levado da breca, la isso era... e quando me roubava os meus figos?

— Quantas coisas os annos trouxeram! Quantos desgostos!

— Mas tem agora os seus filhos para o consolarem, o Antonio, lavrador, todos o estimam, Carlos um futuro artista, e Maria do Ceu, que é um anjo...

— Oh! sr. padre Castro, disse Maria do Ceu semi envergonhada.

ALFREDO PINTO (SACAVEM)



«Sports»

ESGRIMA

A cultura física, em Portugal, graças a uma persistente propaganda dum pequeno grupo de prosélitos que vêem na pratica metódica dos exercicios a melhor forma de rebustecer o corpo e de rejuveneser a raça, vai-se desenvolvendo notavelmente. Alguns *sports* ha que caíram verdadeiramente no agrado dos portugueses. tais como o *foot-ball*, a esgrima e o hipismo. A esgrima, o *sport* mais cultivado pelas classes privilegiadas que tanto contribui para o desenvolvimento das qualidades psiquicas do homem, tão cheio de arte e de «finese», caminha, pde-se dizer, triunfante entre nós. Carlos Gonçalves, o distinto mestre d'armas, que, depois de se ter evidenciado entre portugueses, percorreu diversas nacionalidades onde se familiarizou com a esgrima dos mestres e se notabilizou como um dos melhores atiradores internacionaes, é quem nos ultimos tempos mais

tem contribuido para o desenvolvimento deste *sporte* em Portugal. A reputação dos seus discipulos passou além das fronteiras. No ultimo campeonato internacional de esgrima em Ostende, a equipe portugüesa derrota por uma forma brilhante seis equipes de diversas nacionalidades, classificando-se em primeiro lugar em *ax-aequo*, com o Belga. Da nossa equipe, composta de cinco atiradores, faziam parte dois discipulos de Carlos Gonçalves que foram os primeiros classificados, sendo-lhes conferido além doutros premios uma taça de honra.

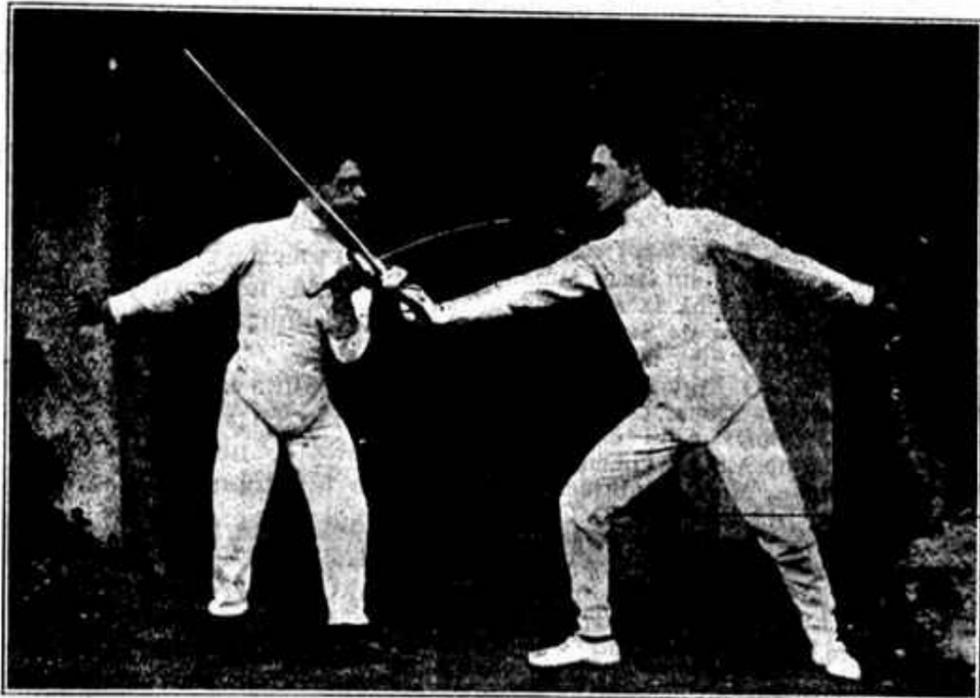
A disputa dum «brassard»

Na sala de Carlos Gonçalves, a mais elegante do nosso meio *sportivo*, tem-se nos ultimos dois annos trabalhado activamente em exercicios de esgrima. Em 1914, em 8 campeonatos, esta sala obteve sete primeiros premios conquistando 8 taças. Todos os dias um grande numero de *sportsmen* recebe, ali, lições cujo método tem contribuido superiormente para o desenvolvimento dos jovens esgrimistas. As «poules» semanais, aos sabados, são deveras interessantes e revelam o estado adeantado dos discipulos de Carlos Gonçalves. Nesses «poules» entram todas as categorias: principiantes, juniores e seniores.

Os mais novos recebem «handicaps» que obrigam os esgrimistas mais adeantados a servirem-se de todos os seus recursos para não soffrem derrotas. A mais leve falta de atenção põe em risco de classificação dum favorito, sendo muitas vezes os seniores derrotados por juniores e até por principiantes. As diversas categorias são portanto interessantes nas «poules» assim organizadas que têm influido no seu aperfeiçoamento.

O grande acontecimento *sportivo* do mez de Fevereiro foi, indubitavelmente, a disputa do «brassard» dos esgrimistas.

Era detentor do «brassard», o conhecido esgri-



Carlos Gonçalves — DANDO UMA LIÇÃO A Mario de Noronha
O DETENTOR DO BRASSARD



Carlos Gonçalves, DANDO UMA LIÇÃO DE DUELLO A Mario de Noronha,
O DETENTOR DO BRASSARD

mista Mario de Noronha Augusto Farinha que, apesar de ser um dos mais novos discipulos de Carlos Gonçalves, é, já, um atirador de notaveis recursos, lançou um repto a Noronha. O «matello» realizar-se-hia a 15 toques em 3 mãos. Era portanto um desafio violentissimo que despertou um enorme interesse entre os nossos amadores de esgrima. Saiu vencedor Mario de Noronha que marcou 15 toques e recebeu 8.

Houve frases cheias de arte, mostrando os dois esgrimistas profundos conhecimentos e belas qualidades *sportivas*, notando-se, contudo, no vencedor mais experiencia e mais folego.

Entre a assistencia encontravam-se os srs: Dr. Pinheiro Chagas, Visconde de Montergil, Dr. Pita e Castro, Dr. Custodio Cabeça, Jorge Paiva, Dr. José Pontes, Dr. Rafael Franco, Dr. Reis Torgal, Penha e Costa, Franco de Castro etc. etc.

J. MOREIRA SALES



Sociedade

Concerto na Liga Naval — A noite de 20 de Fevereiro ficou assignalada pelo magnifico concerto levado a effeito no grandioso salão da Liga Naval Portugüesa e offerecido pelo Senhor Don Francisco de Sousa Coutinho (Redondo) ao seu discipulo Senhor Antonio Caldeira, o novo e

já celebre barytono português. O programa todo constituido por elementos valiosissimos constou do seguinte:

Abriu a 1.ª parte o Senhor Antonio Caldeira, que cantou um fragmento da Opera Tauhaüser, de Wagner.

O Senhor Don Francisco de Sousa Coutinho cantou a Romanza «Lotta di bardi» da opera Tanhaüser, de Wagner, e a Canção da opera Falstaff, de Verdi.

Terminou a primeira parte com «La canzone del Salice» da opera Othello, de Verdi, admiravelmente cantada por Mademoiselle Berta Guimarães.

A segunda parte foi constituida pela execução em piano e violino da 1.ª Sonata de Beethoven pelos illustres professores, Senhores Rey Colaço e Julio Cardona.

Iniciou a terceira parte o barytono Senhor Antonio Caldeira com a Romanza «A tanto amore» da opera Favorita, de Donizetti. Em seguida o Senhor D. Francisco de Sousa Coutinho cantou três romanzas do livro de Shuman, fechando o esplendido concerto a Senhora D. Bertha Guimarães com a Romanza «Sans toi», de Hlasdet, que foi biza a.

Os acompanhamentos ao piano foram feitos pelo maestro sr. Affonso de Sousa.

Não necessitamos dizer palavras de encomio aos illustres professores, a mademoiselle Berta Guimarães e ao Senhor Antonio Caldeira, que bem conhecidos de todos são os seus meritos mas é-nos grato registar o modo perfeitissimo como todos se honveram. A esta festa d'arte concorreram muitas pessoas da nossa melhor sociedade, entre as quaes tomamos nota dos seguintes nomes:

Marquesas de Borda e de Val-Flor, condessas de Burnay e do Redondo, Viscondessas de Serpa Pinto, da Idanha e do Tojal, D. Maria Domingas de Sousa Coutinho (Redondo), D. Carlota de Serpa Pinto dos Santos Moreira, D. Constança Teles da Gama (Cuscaes), D. Maria Thereza Perry Vidal Marques da Costa, D. Elysa Baptista de Sousa Pedroso (Carnaxide) madame Portocarreiro da Mota Cardoso e filha, D. Maria do Carmo de Noronha (Paraty).

D. Palmira Navarro Vianna Bastos e filha, madame Feyo Braga, D. Carlota de Noronha, D. Magdalena Souto Mayor, D. Branca Ramos da Silva, D. Branca Ferreira Pinto Basto e filha, D. Virginia Ramos da Silva e Rocha.

Mme Sousa Bastos e filhas, D. Carlota Centeno, D. Pilar Sotto Maior Ferreira Pinto Basto, Mme Caetano de Sousa Coutinho e filha, D. Maria da Nazareth Centeno, Mme Forjaz de Sampaio de Serpa Pimentel, Mme Diniz e filha, Melle Sousa Coutinho Rebelo da Silva, D. Regina Guerreiro Pinto Caldeira, D. Adelina Diniz, D. Carlota Prego da Silva, D. Arminda Silva e filhas, Mme Loureiro e filha, Mme Alfredo Guimarães, Mme Rey Colaço e filhas, Mme Mac-Bride, D. Laura Sasseti, D. Berta Ortigão Ramos, D. Olga Moraes Sarmento da Silveira, D. Esther Perestrello de Vasconcellos, D. Albertina Paraiso, Mme José Amado, Mme Prado, etc etc.

Os senhores; ministros da Allemanha, marquês de Borba, Condes de Urnos e Obidos. Viscondes do Tojal, de Serpa Pinto e da Silva Carvalho, Jorge Rebelo da Silva, Santos Moreira, Eduardo Burnay, Eduardo Pinto Basto, Dr. Manuel Ferreira Cardoso, Fernando Pinto Basto, Alfredo de Andrade, Eduardo Luiz Pinto Basto, Luis Gomes, D. João de Portugal e Castro (Redondo e Vimioso), Dr. Augusto Camossa Saldanha (Albergaria do Souto Redondo), Dr. Francisco Teixeira Coelho de Magalhães e Menezes (Felgueiras), Hypacio de Brion, Dr. Fernando Cortez Pizarro de Sampaio e Mello.

Conselheiro Jayme Pereira Forjaz de Serpa Pimentel, Victorino Braga, Oscar de Sousa, Vasco Guerreiro Pinto Caldeira, Coronel Diniz, João Diniz, Antonio Loureiro, Alfredo Guimarães, Rodrigo Diniz, Dr. Antonio Centeno, Dr. Levy Marques da Costa, Dr. Cassiano Neves, Dr. Domingos Centeno, Dr. Antonio de Aguiar, Joaquim Souto Mayor, José Sasseti, Candido Souto Mayor Antonio Ortigão Ramos, Dr. Affonso Lopes Vieira, João Perestrello, José Andrade.

Dom José de Noronha, Coronel Ramos da Silva, Raul Sousa Bastos, Dom Francisco de Portugal e Castro (Redondo e Vimioso), Constantino de Figueiredo Cabral, Dr. José d'Arruella, Dr. Ravara, E. Garland José Garcez, Dr. Pimentel, Mauricio Kuski, Fernando Costa, Antonio Almada, Antonio Pereira de Mattos, Frederico Gavazzo Perry Vidal, etc.

O primeiro **Chá-Tango no Avenida Palace**. — De perfumado encanto e de suprema orientação foi o concurso de pessoas da alta roda á primeira destas agradáveis tardes de domingo, deste fim de inverno chuvoso e triste, passados no «Avenida Palace». Já as secções ele-

gantes dos jornaes diarios deram a noticia da assistencia selecta, mas nenhum dos lapis que a apontaram, em serviço de rapida e suave reportagem, notaram aquelles olhos de formosissimo azul que — sabermolo — attraheu alguém que alli estava tomando uma chicara de chá.

A mulher de estranho encantamento, senhora desses olhos, se ler estas linhas, lembrar-se-ha decerto dum mi-erò cravo branco que mãos assassinas maceraram, dum grande cravo de nice immolado á sua beleza num peito de admiração sincera, em torturados momentos de nervoso.

Feliz mulher essa que passa pela flôr deliciosa, tombada no degrau de marmore, que os seus pés souberam pisar tão gracilmente, sem que seus olhos demorassem um instante naquelle pequenino cadaver, naquelle desditoso cravo murcho que era tudo quanto estava duma illusão desfeita.

Feliz mulher que por seus olhos, entre dois golos de chá, soube matar um cravo e despachar uma illusão.

PACIFICUS



ROMANCE

M Delyne

A DESTERRADA

Versão de Alfredo Pinto (Sacavem)

(Continuado do numero antecedente)

Myrto por um supremo esforço de energia poud conseguir um grande sangue frio, mas uma vez no seu quarto, cahiu sobre uma cadeira completamente fatigada fisica e moralmente; pois foram tres dias de uma enorme lucta moral junto áquella pobre creança, cuja agonia foi tão soffredora!

Porém no seu cerebro, no seu coração torturado, um sentimento a dominava, uma compaixão immensa, cheia de angustia por esse pobre pae, por essa alma que era necessario salvar da lucta cruel que tinha agora apoz a morte do seu filho.

Sim, a alma de principe afastada de Deus, e não encontrando na familia nenhum conforto, necessario era achar-se um meio de a chamar á fé, á dôce crença. Toda a sua vida estava resumida no filho, agora que elle subira ás altas regiões do alem, o principe devia considerar a existencia como um deserto infinito. Um remorso surgio de repente no espirito de Myrto, ao recordar-se d'um pequeno incidente na vespera. No momento de pôr a creança no caixão, o principe tirára o crucifixo das mãos de Karaly e perguntára levantando os olhos para Myrto:

— Esta cruz recorda á menina alguma recordação cara?

— Sim, principe, esteve nas mãos de minha mãe, morta.

— Ah! disse elle, entregando-lh'a.

Agora Myrto pensava que talvez elle, gostasse de conservar aquella cruz, e não lh'a ter recebido. A morta, do alto do ceu, teria abençoado aquelle sacrificio da filha, a favor d'um desgraçado sem crenças a quem a divina imagem tivesse levado uma força e uma consolação em a noite de matyrio em que se debateu a sua alma de pae.

Esta recordação foi para Myrto um verdadeiro soffrimento.

No dia seguinte ella daria a cruz á condessa Zalanyi pedindo-lhe de a dar ao filho.

Mas Katalia que veiu da parte da condessa informar-se como estava de saude e offerecer-lhe os seus prestimos, disse-lhe que o principe estava fechado

no seu quarto de trabalho, não desejando fallar a pessoa alguma.

Myrto ficou na cama recusando todo o alimento. A sua garganta, apertada pelo nervoso e pela fadiga, não o deixava socegar.

Pela manhã, o seu corpo encontrou-se mais repousado, mas o cerebro é que estava sem melhoras nenhuma. Uma especie de anciedade nervosa agitava Myrto quando até aquella data era tão pacifica! Quando se levantou, abriu a janella; o ar da manhã, fresco e suave, fez-lhe bem, e pensou em dar um passeio. Vestiu-se, poz uma pequena manta sobre os hombros e desceu as escadas sem encontrar ninguem. O sol começava a lançar os acariciadores raios, derretendo as gôtas de orvalho semeadas pelas folhagens do parque. Todo aquelle meio veiu atenuar um pouco o estado de nervos de Myrto. Encaminhou-se para o templo grego. Alli mais que nunca encontraria uma recordação d'quelle que estava agora um anjo junto de Deus. Podia recordar-se das horas alli passadas sob o olhar dôce d'aquella creança que lhe tinha tanta amizade, a ponto de misturar o seu nome com o do seu pae, á hora da morte, Myrto tomara um caminho que o conduzia á margem do lago. Contornou a base do perestilo e parou de repente. Alguem a tinha precedido n'aquelle logar solitario! O principe Milcza estava de pé, encostado a uma das columnas do templo, olhava fixamente para o logar onde tantas vezes o filho brincára. O rosto iluminado por um raio de sol, indicava uma forte dôr! Em uma das suas mãos brilhava uma pequena arma. Myrto viu e comprehendeu tudo! Com passos ligeiros correu para o principe, este voltou-se bruscamente e recuou vendo perante si Myrto pallida, com os olhos dilatados de terror!

— A menina aqui?! que vem aqui fazer?!?

— Principe, que vae fazer?

Uma chamma de colera passou pela vista do principe:

— Deixe-me, deixe-me!

— O quê, deixar praticar um crime? Isso nunca!

— Mas quero, a vida não é nada para mim; se não tivesse aparecido tudo estava já acabado.

Não pode ser, principe. O sr. é christão, não se esqueceu ainda do destino da sua alma, não faça tal, peço-lhe principe...

Milcza ficou a olhar para aquella mulher que de joelhos lhe pedia tanto.

— Não! Não! quero morrer, retire-se, deixe-me só!

Myrto levantou-se olhou com ar altivo para Milcza:

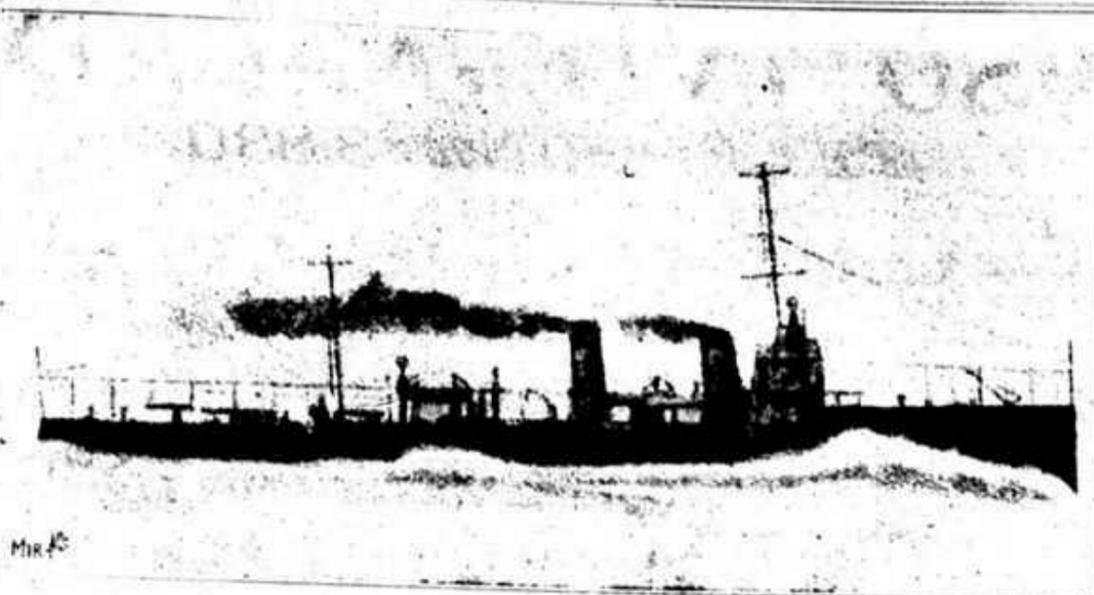
— *Eu fico*, quero ver se tem coragem de se matar diante de mim! Pensa então que praticando um tão nefasto crime que irá encontrar-se com seu filho?! É uma acção de cobarde!

O principe deu um grito de raiva pegou na arma e uma detonação se fez ouvir. Myrto fugiu para o lado, de modo que a bala lhe tocou levemente. Meia desfalecida pela emoção, cahiu no ultimo degrau do templo.

— Myrto!

O principe estava junto d'ella, de joelhos, agarrando-lhe as mãos.

(Continua)



MARINHA DE GUERRA PORTUGUESA — NOVO CONTRA TORPEDEIRO «LIS»

Desde o dia 18 deste mez que se encontra no Tejo o Contra-torpedeiro *Lis*, construido em Italia, no estaleiro da Sociedade Géo-Ansaldo & C.^a, de Genova.

O navio veio sob o comando do primeiro-tenente sr. Oliveira Muzanty, com marinheiros portuguezes e fogueiros italianos.

O novo contra-torpedeiro desloca o maximo de 600 toneladas. Tem o comprimento de 71 metros por 6^m.7 de boca e 2^m.9 de calado.

A maquina é ativada por tres caldeiras eguaes Yarrow, com sobre aquecimento de vapor, consumindo petroleo e fornecendo vapor a seis turbinas que desenvolvem a força de 10.000 cavalos

no veio. As turbinas transmitem o movimento de rotação aos veios dos helices por um sistema de engrenagens especial, que permite um melhor aproveitamento das turbinas Passons, ultimo modelo.

A velocidade d'este navio atinge 30,8 milhas, na maxima, e na media 30 por hora. A velocidade economica de 13 milhas, dispõe de um raio de acção de 3.500 milhas.

O seu armamento consta de 3 tubos para lançamento de torpedos de 45 cem. de diametro, tipo mais moderno de ar sobre-aquecido; 4 peças de 75 mm. e 50 calibres de comprimento.

O navio transporta 6 torpedos e tem a importante particularidade de poder navegar cerca de 3.500 milhas sem precisar reabastecer-se de novo combustivel.

O primeiro-tenente sr. Oliveira Muzanty, que conduziu o *Lis* a Lisboa, continua a ser o seu comandante, tendo por immediato o primeiro tenente sr. Azevedo Franco, e maquinista o segundo-tenente sr. Artur da Silva Borges.

Dada a pobreza a que, infelizmente, chegou a nossa arma, a aquisição de mais um vaso de guerra é como que uma gota de agua no Oceano, mas, emfim, sempre é melhor pouco do que nada!

NECROLOGIA

Sertorio do Monte Pereira

PROF. DO INSTITUTO SUPERIOR DE AGRONOMIA

Mais uma folha que se tarja de negro nos «Anaes do Instituto Superior de Agronomia» e a bem curto trecho de elle ter envolvido em crepes a sua legenda academica!

O professor Sertorio do Monte Pereira que a morte prostrou agora em 27 de fevereiro, vinha sendo o paciente de atroz sofrimento nos ultimos periodos da sua existencia, em que, para maior tortura, a lucidez do seu espirito se manteve clara, não lhe permitindo illusões sobre o que era irremediavel n'esse sofrimento maior.

Por isso se velou para a notoriedade o nome, que, antes d'essa situação dolorosa, lograra enaltecer-se por espezias predicados de inteligencia e um relevo de perspicacia sumamente caracteristica, de molde a conquistar sympatias entre os seus colegas no magisterio agronomico, e dos agricultores ilustrados e a atrair as atenções nos dominios escabrosos da administração publica e da politica.

Neles teve ingresso, recomendado pelo seu talento e aptidões, sendo-lhe confiada a direcção do «Mercado Central dos productos agricolas», e logo chamado para organizar os serviços da secção de agricultura, do quadro da Repartição tecnica do Ministerio do Ultramar ou das Colonias.

Foi mais efemera a sua passagem pelo campo politico. No entanto, ahí deixou afirmada a sua competencia em assuntos de economia rural, versando-os como relator d'um projecto de lei sobre a *emaranhada questão dos cereaes*, e nas correspondentes explanações escutado com aplauso pela Camara dos srs. deputados.

Conhecemos Sertorio do Monte Pereira, logo em seguida a apresentar-se diplomado do Curso de engenheiro-agronomo, e aqui recordamos o conceito de talentoso com que os seus professores o distinguiram. Auspiciava-lhe, esse conceito, um futuro brilhante, no sentido academico e como professor, se n'elle não esmorecem os propósitos de maiores estudos.

Acaso as circunstancias, porventura a especial orientação do seu criterio, o incitaram a dispersar a sua actividade por diferentes capitulos, e por seguir nos seus labores se atarefou diversamente, sacrificando-lhes aquele renome que só se alcança quando ella, em toda a sua pujança, exclusivamente se dá a insistentes e nunca esmorecidas luctuações scientificas, visando maiores horisontes para os conhecimentos humanos.

Sem embargo, n'essa dispersão não se ofuscou aquele conceito, que por ella l'e foi ainda lisonjeiro. Nem outra coisa diz a colaboração, só em parte registada a que o chamaram, com maior empenho, alguns ministros de Estado para com elle se aconselhar em assuntos de administração publica e atinentes á economia agricola do País.

Apontava-o d'algun modo, para essa colaboração o facto de pertencer ao Conselho superior de Agricultura, e ao do Fomento Commercial dos productos agricolas. Prova de lhe terem sido reconhecidos aqueles meritos, a que aludimos, se



SERTORIO DO MONTE PEREIRA

encontra na sua nomeação para o logar de Presidente da Junta de credito agricola, quando se iniciava a execução da lei que criára esta instituição, cuja importancia economica e social se pode considerar transcendente, sem nenhum exagero.

Os escritos da penna de Sertorio do Monte Pereira, se bem que dispersos por varias publicações, n'outros tantos capitulos espezias, facilmente se deparam para um exame critico, desde que, por enlaçadas a factos historicos, essas publicações se assinalam na Bibliografia agronomico.

Dotes, que são para mencionar, de escritor — agronomo, tem o seu eloquente atestado n'aquelles escritos. Em alguns d'elles, a estrutura aprimora-se, na razão do assunto versado, e as concepções avantajam-se, e, por vezes, consoante pontos de vista singulares que muito se comprazia em frisar.

A sua estreia na Imprensa foi, segundo crêmos, o artigo sobre *O districto de Evora na Exposição agricola de 1884*, com o qual veio colaborar na Revista d'este certame.

Foi relator d'uma these da *Secção economica* do notavel Congresso Viticola de 1895. Aceitou o encargo de colaborar no «Congresso de lictaria, olivicultura e industria do azeite», realizado em 1905, versando n'um relatorio as seguintes questões: — O commercio do azeite em Portugal e o regimem do *Drawback* applicado á importação dos azeites estrangeiros: os mercados oleícolas. —

Escreveu o importante capitulo «*Les Céréales*», inserido no grande e esmerado tomo — *Le Portugal au point de vue agricole*, destinado á Exposição internacional de 1900.

N'uma afirmação do seu criterio de economista e tratando da «produção agricola e, em especial, da vinicola» colaborou com esmero na publicação *Notas sobre Portugal*, publicação sumamente interessante na sua contextura, e pelo proposito com que foi organizada e bem se revela no facto de corresponder á *Secção Portuguesa*, na Exposição Nacional do Rio de Janeiro de 1908, e de ter sido ali largamente distribuida.

Foi um dos redactores efectivos da Revista — «*A Agricultura Contemporanea*» — e acompanhou com os seus escritos a propaganda sustentada pela redacção do *Portugal Agricola*. Durante um determinado periodo foi redactor dirigente da «*Revista Agronomica*», orgão da Sociedade das Sciencias Agronomicas de Portugal.

Organizou e dirigiu o «*Boletim do Mercado Central dos productos agricolas*» quando exerceu o cargo de director dos respectivos serviços.

A folha d'estes trabalhos em que mais se exteriorizou o seu criterio de sabedor, deu-lhe jus, e recomendou-o para ser um dos delegados do Governo portuguez, na inauguração do «*Intituto Internacional de Agricultura*» com sede em Roma.

Occorre-nos mencionar ainda que a publicação hebdomadaria «*O Seculo agricola*», se iniciou sob a sua direcção; e, na primeira serie, são caracteristicos os artigos que Sertorio do Monte Pereira n'ella inseriu. Estes, os seus ultimos escritos segundo nos diz a memoria.

Aquella breve apreciação sobre o seu talento, leva-nos a dizer que, principalmente, falando ou se orador d'uma fluencia em que se revelava a feição do professor, ele media, perspicaz, a receptividade do auditorio, e, assim, por vezes era seu contentamento sustentar o paradoxo.

As suas conferencias, que varias fôram, sobre questões agronomicas e agricolas, na «*Associação Central da Agricultura*», de que foi um dos directores, e na «*Sociedade das Sciencias Agronomicas*», inscreveram-lhe o nome na lista dos oradores cuja frase ensina, n'uma eloquencia meditada que cativa aplausos e aponta o caminho que leva á realização de mais uteis cometimentos.

A individualidade que foi Sertorio do Monte Pereira, pode recorda-la o *in memoriam* em que por ella falemos os seus escritos coligidos n'uma harmonia de vistas com que se mantenha mais expressivo o quadro bio-bibliografico do Corpo docente do Instituto Superior de Agronomia.

Singelo voto, este nosso, aqui trazido por bem fixar o tributo á memoria do extinto professor, e n'um entendimento em que se concerta, para outros estímulos, a expressão do louvor que acompanhou a sua obra de agronomo erudito, e de escritor academico no seu especial fóro scientifico.

CURSO INTERNACIONAL

TELEPHONE 3.830

Explicações para os Lyceus e Comercio — Lições a 2\$000 réis mensaes

LARGO DO CALDAS, 1, 2.º

Professores e professoras estrangeiras das especialidades e portuguesas, leccionam:

Português, francês, inglês, alemão, hespanhol, italiano, theorica e praticamente. — Tachygrafia, musica, piano, violino, desenho, pintura do natural, canto e labores artisticos. — Photo-miniatura, tarso metaloplastia, veludo frappé, crystalida, vitraux, photo-pintura, cloutage, choreoplastia, pyrogravura, pyroscultura, pintura em relevo.

Explicações para os Lyceus e Escolas Industriales e Comerciales Todas as disciplinas, lições diarias a 5\$000 réis mensaes

CURSOS DIURNOS E NOCTURNOS

CREANÇAS: ao preço fixo de 2\$000 a 5\$000 réis mensaes tendo a pratica constante das linguas, frequentando as aulas que desejarem e podendo permanecer das 9 ás 5.

Pensionistas a 15\$000 e 20\$000 réis mensaes

Direcção: **MACEDO D'OLIVEIRA** — Largo do Caldas, 1, 2. — LISBOA

TIPOGRAFIA CESAR PILOTO

II e 12 — Largo de S. Roque — II e 12

* * * * * LISBOA * * * * *

Trabalhos em todos os generos, simples e de luxo. Pontualidade, perfeição e preços moderados. * *



Preparado

que
por completo
tira a caspa

evita a queda do cabelo

Lotion

Marie Louise
(Registada)

Deposito Geral

RETROZARIA IRMÃOS DAVID

Rua Garrett, 112-118

LISBOA

Carlos Pimentel

Especialista de doenças da boca e dentes
Diplomado pela Escola Medico-Cirurgica de Lisboa

DENTISTA DA COOPERATIVA MILITAR

Tratamentos especiaes para senhoras e creanças, dentes artificiaes, etc.

Desinfeccção meticulosa de todo o material operatorio

HONORARIOS MODICOS

Rua Garrett, 36. 1.º (frente para a R. Ivens)

Confeitaria do Calhariz

de ALFREDO SA & C.ª

2, LARGO DO CALHARIZ, 3

Telephone: entral 1242

Secção de pastelaria — Licôres nacionaes e estrangeiros

— Vinhos finos e cognacs — Esmerado fabrico

em todos os artigos de confeitaria

— Lampreias e doces de todas as qualidades.

Especialidade em chá e café

Fornece lanches para casamentos, baptizados e solzeas

Dans Les "Fleurs,"

São os perfumes da moda

PEDIR EM TODA A PARTE

Alberto C. Lima

Professor de Guitarra

E

— VIOLA FRANCEZA —

COM

— As melhores referencias —

Rua do Loreto, 50, 3.º — LISBOA

Cacau, Cakula e Chocolate Iniguez

Vende-se em toda a parte

BOMBONS e NOUGAT da FABRICA INIGUEZ

Kilo 1,500 réis

Os bombons da Fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos

CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia.

Pacote de 500 grammas 600 réis

Atelier Photo-Chimi-Graphico

J. MARINHO

CALÇADA DA GLORIA, 5 — LISBOA

NUMERO TELEPHONICO, 2139

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia, chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.



GRAND PRIX

O MAIOR PREMIO DA EXPOSIÇÃO-Londres 1904

Xarope Peitoral James

Premiado com medalhas de ouro nas exposições: Lisboa 1898,

Paris 1889, Belem 1893,

Lisboa 1894, Londres 1904, Rio de Janeiro 1906, etc.

Heroico contra todas as afecções dos orgãos respiratorios, taes como: tosse rebelde ou convulsa, ataques asmaticos, bronquites agudas ou crônicas. Legalmente autorizado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal e pela Inspectoria Geral d'Hygiene dos E. U. de Brasil.

A VENDA EM TODAS AS FARMACIAS

Deposito Geral: FARMACIA FRANCO, FILHOS

PEDRO FRANCO & C.ª

Rua de Belem, 147 — LISBOA